

Resenha

Patrícia Mattos*

A Distinção: Crítica Social do Julgamento.

BOURDIEU, Pierre.

São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007, 560 pp.

Depois de longo tempo de espera, em 2007 foi publicada em português a principal obra de Pierre Bourdieu – *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Originalmente publicada em francês, em 1979, *La Distinction: critique sociale du jugement* é resultado de uma ampla pesquisa empírica realizada ao longo dos anos 70, apoiada em farta documentação (pesquisas estatísticas, sondagens de opinião, entrevistas etc.), na qual Bourdieu recoloca o tema da luta de classes no centro do debate da teoria social crítica. E aqui a luta de classes é pensada num registro distinto da abordagem marxista tradicional. Não é só o capital econômico que está no princípio das desigualdades sociais, mas também o capital cultural, cuja lógica de aquisição e reprodução é ainda mais difícil de ser decifrada que a do capital econômico. Isso porque as precondições sociais que possibilitam a constituição e a reprodução do capital cultural são mais obscuras que as precondições que se aplicam à reprodução do capital econômico.

Uma das preocupações centrais de Bourdieu é a reflexão sobre as formas de justificação, legitimação e naturalização da dominação social injusta. Todo o esforço empreendido pelo autor em sua teoria da prática, que orienta teoricamente sua pesquisa empírica sobre a estrutura de classes da sociedade contemporânea francesa levada a cabo no livro, tem como foco o desvelamento do padrão de dominação simbólica típico das sociedades centrais do capitalismo tardio que legitima a “ideologia da igualdade de oportunidades”. Em *A Distinção*, Bourdieu toma a categoria gosto, que é percebida como uma qualidade inata de cada indivíduo, tanto na abordagem de Kant sobre a faculdade do gosto quanto no senso comum, para mostrar que o gosto, seja em suas manifestações artísticas ou cotidianas (em matéria de música, decoração, literatura, sabores de comida, esportes, lazer, roupas, turismo etc.), longe de ser uma prerrogativa do indivíduo não passível de discussão, ou nas palavras de Kant, “uma dádiva que alguns possuem e outros não”, é a forma, por excelência, de “esquecimento do social”.

Seu objetivo, neste livro, é mostrar que os julgamentos de gostos e preferências são socialmente construídos, demonstrando a relação estreita entre o gosto e a classe social. O princípio da distinção nas sociedades modernas é construído a partir da familiaridade e naturalidade dos indivíduos e grupos sociais com a cultura legítima. Nessa perspectiva,

*É doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília e é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João Del-Rei. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em sociologia política e teoria sociológica. E-mail: pamattos@uol.com.br

o julgamento estético produz e reproduz distinções entre indivíduos e classes sociais, legitimando e naturalizando o acesso privilegiado das classes dominantes a bens e recursos materiais e simbólicos escassos. Mais do que um estudo sobre as práticas culturais que discute os pressupostos da luta de classes e das frações de classes na sociedade francesa especificamente, *A Distinção* é uma obra na qual Bourdieu desenvolve uma teoria geral do mecanismo de dominação simbólica de classes no capitalismo avançado. É isso que justifica, provavelmente, a escolha do livro como um dos dez trabalhos mais importantes produzidos no século XX pela Associação Internacional de Sociologia.

O argumento desenvolvido por Bourdieu, que demonstra, aliás, seu intuito crítico, sua efetiva contribuição para a renovação da sociologia crítica, concentra-se na desconstrução da faculdade do gosto pensada por Kant como uma característica inata dos indivíduos, desconectada da tematização das precondições sociais e econômicas que permitem ou interditam a possibilidade dos indivíduos e grupos sociais de possuírem tal faculdade. Nesse livro, Bourdieu demonstra que os julgamentos e preferências estéticos estão ligados à posição do indivíduo no espaço social, a um *habitus* de classe. Será a diferença entre os *habitus* de classes, entre os estilos de vida que estão na base da distinção entre as classes sociais e, que são analisados a partir das práticas culturais e de consumos culturais, é que Bourdieu irá explicitar toda a violência simbólica, que é aquela violência não perceptível enquanto tal, inclusive, pelas suas próprias vítimas, envolvida na luta de classes contemporânea que está por trás do princípio da reprodução social.

A luta de classes e frações de classes se desenrola pelo controle do capital simbólico, formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social, permitindo que as classes dominantes possam impor arbitrariamente os critérios de classificação/desclassificação social que legitimam a dominação social. Ao discutir a dinâmica de reprodução do capital cultural, Bourdieu ressalta que a dominação social moderna está baseada na herança social. Em outras palavras, as sociedades modernas, assim como as pré-modernas, também hierarquizam pelo “sangue”, pela herança familiar, uma vez que o conhecimento e o saber são adquiridos, em medida significativa, por meio da socialização na família, reproduzindo, assim, uma cultura de classes nunca percebida enquanto tal. O olhar de Bourdieu se volta para a lógica do acúmulo de bens simbólicos e materiais inscritos nas estruturas de pensamento e no corpo, que são constitutivos do *habitus* mediante o qual os indivíduos das diferentes classes sociais elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social.

Com o conceito de *habitus*, Bourdieu se propõe a relacionar adequadamente estrutura e agência. Sem desconsiderar a força que as estruturas sociais exercem sobre os indivíduos sob a forma de pressões externas ou necessidades externas (prêmios e castigos), Bourdieu se interessa pela compreensão do processo de subjetivação dessas pressões/necessidades externas na experiência prática dos indivíduos. Sua atenção se volta para a percepção das estratégias dos atores sociais em relação aos imperativos e determinações das estruturas. E a noção de *habitus* é formulada buscando articular tanto as motivações inconscientes quanto as conscientes da ação.

Para Bourdieu, qualquer forma de decisão consciente dos atores sociais vem sempre precedida de uma não transparente, melhor dizendo, inconsciente apreciação que se realiza por meio da prática, a partir da decodificação prerreflexiva dos *habitus* realizada pelos agentes. Essa apreciação inconsciente cria fios invisíveis que ligam e separam os indivíduos sob a forma de vínculos de solidariedade, de um lado, e preconceito, de outro. Com o conceito de *habitus* como um conjunto de disposições duráveis e transponíveis de um domínio de práticas a outro, “estruturas estruturadas predispostas a funcionar

como estruturas estruturantes” que são apreendidas e incorporadas ao corpo, de forma prerreflexiva, inconsciente e, por isso mesmo, “automática”, por intermédio de socializações, Bourdieu traça a interrelação dos níveis das estruturas objetivas e cognitivas e a constituição de identidades. O *habitus* estabelece a mediação entre o sistema invisível de relações estruturadas que influenciam e modelam as ações dos agentes em suas práticas e as ações visíveis dos atores sociais que estruturam as relações. As disposições são, para ele, ao mesmo tempo adaptadas às estruturas de poder e também produtoras dessas estruturas. As estruturas cognitivas inseridas no mundo social são incorporadas pelos atores sociais por meio de suas práticas. Com isso, os atores dispõem de um conhecimento prático e de esquemas de classificação social que estão à disposição deles sob a forma de representações simbólicas.

A disposição estética, em suas manifestações tanto artísticas quanto cotidianas, é percebida por Bourdieu como o principal elemento constitutivo das distinções sociais no capitalismo tardio. A luta de classes e frações de classes na modernidade tardia se dá pela definição de cultura que é considerada legítima. É a partir da definição dos critérios e esquemas de classificação social ligados aos julgamentos de gostos e preferências tidos como legítimos, que são construídas todas as formas de legitimação das desigualdades sociais. A definição de classes e frações de classes dos critérios de classificação social nos seus termos permite que as disposições ligadas ao princípio da distinção, que são típicas das classes dominantes, sejam percebidas como disposições universais, que servem de medida para a orientação e a avaliação do comportamento de todas as classes sociais.

Bourdieu mostra, a partir da análise da farta documentação, todo o processo de “esquecimento do social” presente na avaliação do gosto como símbolo de distinção de uma personalidade. É a reprodução do capital cultural na modernidade tardia, que é resultado tanto da origem social (socialização familiar) quanto da educação formal, que produz toda a negação do social. Ao se conceber o gosto como uma qualidade inata dos indivíduos, apagam-se todas as precondições econômicas e sociais que produzem e reproduzem, por meio de um *habitus* familiar, toda uma cultura de classes, criando clivagens entre as classes – as classes privilegiadas e as classes desprivilegiadas – que é justificada pela familiaridade e naturalidade em relação à cultura legítima.

É nesse sentido que a disposição estética, que está na base do princípio de classificação social, não está ligada apenas a um julgamento estético, mas também a uma dimensão moral, a um estilo de vida. E como se sabe, todo estilo de vida é a manifestação de uma visão de mundo, e esta nunca é neutra, mas, ao contrário, é a expressão de uma normatividade que serve de base para julgar quem a pessoa é em todas as dimensões da vida, sendo pautada por distinções entre o que é inferior/superior; racional/emocional; vulgar/nobre; de bom gosto/brega, cafona etc. Por intermédio dessas distinções julga-se a personalidade em sua totalidade. No caso da disposição estética, ela é construída a partir da separação entre forma e função, da rejeição da subordinação da arte às funções da vida. Desse modo, tanto as escolhas artísticas quanto as escolhas cotidianas (alimentação, esportes, mobília, roupas, corte de cabelo, forma de falar, de se comportar etc.) servem como marcas de distinção, criando, entre os indivíduos, pela identificação ou des-identificação de *habitus*, solidariedades, de um lado, e preconceitos, racismos de classe, de outro.

É assim que é construída a oposição entre, de um lado, a estética popular fundada na continuidade da arte e da vida, e a estética das classes dominantes, que se define pelo distanciamento e sublimação das necessidades básicas, o que lhes confere reconhecimento e prestígio de classes portadoras do refinamento social. As classes médias, por sua vez, procuram desenvolver práticas que as distingam da classe trabalhadora e as aproximem

das classes dominantes. Portanto, a classe trabalhadora não entra na luta entre as classes e frações de classe por distinção porque toda a luta entre as outras classes é travada em oposição às disposições estéticas da classe trabalhadora, tidas como vulgares, bregas, cafonas aos olhos da classe dominante. A força da dominação simbólica é tamanha que, a princípio, a classe trabalhadora, que não participa da *illusio* do jogo social, apenas sofrendo as consequências de tal dominação, está impossibilitada de perceber a violência da dominação exercida sobre ela, uma vez que essa classe também se enxerga de acordo com os padrões que a desclassificam socialmente.

A revelação da correspondência entre as práticas culturais e classes sociais, assim como do princípio que legitima a hierarquia aí implícita levada a cabo em *A Distinção*, consagra esse livro como uma referência para a renovação da teoria social crítica. O livro é publicado num momento em que os teóricos críticos contemporâneos, em geral, pressupunham a superação tendencial do conflito de classes no capitalismo tardio. Bourdieu inova ao desvelar, revelar e explicar os mecanismos de produção e reprodução da luta de classes e frações de classes na modernidade tardia. Ao revelar toda a *illusio* envolvida no jogo social por distinção, que dá às classes dominantes toda a legitimação da dominação social injusta, Bourdieu mostra o caráter dual e relacional da dominação, exercida sobre os indivíduos e com a adesão deles, e toda a violência simbólica envolvida nesse processo.

Mesmo que Bourdieu seja criticado por vários autores por sua ênfase nas descrições deterministas da reprodução social estável presentes em sua teoria, cujo exemplo emblemático é sua obra *A Distinção*, é inegável sua contribuição para a sociologia crítica. Para não cometermos o erro de, como diz Bourdieu, “ver mudança onde há continuidade” e conseguirmos distinguir as mudanças reais das mudanças aparentes, *A Distinção* é leitura obrigatória para podermos no diálogo “com Bourdieu e contra Bourdieu”, irmos além de Bourdieu, dando, assim, continuidade a seus ensinamentos para a construção de uma ciência crítica.